

3

Portugal e Angola: o Diálogo Subtraído

3.1

O silêncio agenciado

*Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal.*

Fernando Pessoa³⁶

Um dos traços característicos da literatura portuguesa é o de dialogar com sua própria história, estabelecendo assim um movimento intertextual entre os escritores portugueses. Corroborando essa peculiaridade, mas ao mesmo tempo redimensionando-a, estão alguns dos romances de Lobo Antunes, que, ultrapassando as fronteiras geográficas, buscam nas antigas colônias um outro interlocutor. Dentre eles, destaca-se o romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*; nele, a realidade africana apresenta-se como mediadora para se repensar um futuro para Portugal.

Através da leitura desse romance, busca-se traçar um mapa das relações possíveis entre Portugal e Angola após a descolonização, em 1974. Para tal, revisitam-se o passado mítico português e os pilares centrais da ideologia salazarista, atravessando o espaço angolano para buscar e registrar algumas seqüelas da colonização e das guerras pela independência.

Por meio dos Agentes, protagonistas do romance, o leitor reporta-se aos espaços angolano e português, num tempo demarcado pelo período pós-independência angolana e, pelo pós-25 de abril em Portugal, momentos históricos de rupturas, exigindo outro desenho para esses dois países. Ao transitar por esses espaços, a narrativa propicia o revisitar, pela ótica do ambiente pós-guerra e do

³⁶ PESSOA, Fernando. *Mensagem*, cit., p. 39.

caos instalado na seqüência dos conflitos oficiais, a história que entrelaça portugueses e angolanos.

No romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, Lobo Antunes conduz o leitor a mergulhar no universo africano. Ao trazer as reminiscências da guerra, Seabra, um dos protagonistas do romance, ao se ver enviado para Angola com o intuito de contrabandear diamantes, fala de uma África onipresente, um lugar que não pode ser abandonado nem esquecido:

[...] fuga para onde se não se foge de Angola, só demasiado tarde compreendi que não se foge de Angola, a Europa demasiado longe e depois a indiferença, o cansaço, a idade porque nos gastamos tão depressa em África, um encolher de ombros, uma resignação.³⁷

A experiência na África, mais precisamente em Angola, inscreveu na vida de alguns portugueses marcas difíceis de se apagar da memória. Esse não-esquecimento involuntário é explorado no romance por meio das cenas trágicas da guerra, fazendo com que o discurso latente na memória seja o foco narrativo, tecendo histórias alternativas e revisionistas. Nessa situação, a guerra que ocorreu num passado ainda próximo é trazida pela memória para o presente, de maneira a ser ressignificada – pois, como diz Margarida Calafate Ribeiro, não seria nada fácil extrair a África e o imperialismo da memória individual e coletiva dos portugueses:

Não iria ser tão fácil assim sair do labirinto da memória de África e do império na imaginação do país encontrado no regresso, num sentido individual – a vivência e a memória da guerra propriamente dita – e colectivo – a história herdada e o discurso pedagógico e político em que ela era veiculada, durante o Estado Novo.³⁸

Ao reconduzir, pela narrativa, os Agentes à África após a descolonização, Lobo Antunes cria uma possibilidade de se reabrir o diálogo desprezado pela ditadura salazarista. Ao reescrever a história coletiva por meio de um discurso polifônico, no qual as vozes portuguesas e africanas fazem-se presentes, Lobo Antunes reage ao discurso unívoco do Estado Novo. Assim, Seabra, ao chegar a Angola, depara-se com um cenário de mortes e destruição. O contato com essas imagens deixa-o perplexo. Simultaneamente à descoberta da dimensão do

³⁷ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, cit., p. 27.

³⁸ RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Afrontamento, 2004, p. 251.

problema da descolonização, descobre o sentimento de impotência para resolvê-lo ou enfrentá-lo, expresso no encolher dos ombros e na interrogação feita ao futuro “– E depois?”³⁹. Em resposta, Seabra, resignado, deixa-se ficar no jipe à espera do outro agente, que virá para matá-lo em razão de seu insucesso na missão.

[...] meter na ordem um sujeito que anda a prejudicar o Serviço uma questão de três dias quatro dias no máximo [...]

eu assistindo à vinda do Miguéis sem me levantar sequer [...]

– Distraído Miguéis?

que o obriga a verificar a pistola, aos seus passos cada vez mais próximos no capim, no algodão, os peixes vivos das mãos do comodoro a encorajarem-no⁴⁰

Essa visão fatalista da realidade estende-se aos demais agentes e está bem expressa na fala de Miguéis: “sobraram duas a três mulheres na ilha a lembrarem-se de Alcântara enquanto esperam um transporte que não viria nunca”⁴¹. Esse clima pessimista frente aos novos rumos históricos conduz à indagação sobre o futuro a ser aspirado pelos portugueses, tanto os que não puderam ou não quiseram retornar a Portugal após a descolonização, quanto os que nunca saíram de Portugal.

O fim da guerra não pode significar o fim de tudo, como aponta o Agente: “nem camionetas do exército nem mar, acabou-se Luanda”⁴². Angola não “acaba” com o término da guerra, o que desmorona é um império. Isto sim passa a ser motivo de desespero para os portugueses direitistas, “nostálgicos do império” no dizer de Margarida Calafate⁴³. Nesse momento, a narrativa aponta para a cegueira que tomou conta desses portugueses que enxergavam o fim do Império como sendo o fim de Portugal. Essa falta de visão será retomada mais à frente na voz de Eduardo Lourenço, a segunda voz presente neste estudo.

Nesse novo quadro que se configura, questões sobre identidades, multiculturalismo e nacionalismo, entre outros, passam a ser temas de interesse para determinados intelectuais portugueses e angolanos. As narrativas desses autores propiciam possibilidades comunicativas para se reinterpretar culturas e se reorganizar identidades nacionais. O romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*

³⁹ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, cit., p. 27.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 32.

⁴¹ *Ibid.*, p. 262.

⁴² *Ibid.*, p. 308.

⁴³ RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos*, cit., p. 237.

faz parte dessas narrativas. A leitura que se fará dele, neste capítulo, dará ênfase ao olhar português sobre a descolonização. E ao se traçar esse olhar, algumas dessas questões serão abordadas.

No capítulo seguinte será destacado o olhar africano, através do romance *Parábola do cágado velho*, do escritor angolano Pepetela. Nele se inscrevem as marcas deixadas por um longo tempo de colonização.

Na obra desse autor, a terceira voz trazida a esta dissertação, a retomada de valores tradicionais angolanos funciona como uma condição de possibilidade de futuro. Ao fazer uma leitura crítica do imaginário angolano, o escritor revitaliza a herança cultural. Essa busca das origens fundadoras da cultura e da história angolana, longe de ser um olhar nostálgico, é, pelo contrário, uma retomada para redimensionar o momento presente.

Retomando as expectativas futuras dos portugueses, levanta-se a hipótese de que esse negativismo se justifica, em parte, por não ter havido um debate nacional sobre a descolonização. O fato de não ter ocorrido tal discussão provocou, em boa parte da classe dominante portuguesa, a sustentação da crença de um império eterno. Seabra e os outros Agentes são personagens que, de certo modo, testemunham a ideologia e as políticas centralizadoras implementadas no tempo do império, extensivas, de certa forma, à ditadura que imperou em Portugal por mais de quarenta anos.

O silêncio imposto pelo governo autoritário de Salazar não permitia que se discutissem aspectos da vida nacional, como, por exemplo, a descolonização. O tema era interdito, não havia debates públicos nem discussões. Como tantos outros portugueses, os agentes, personagens centrais do romance, passaram ao largo desse problema: “não sei nada de Luanda, oiço na rádio que África e guerra e isso e o que é África diga-me”⁴⁴. O clima de repressão e o ambiente coercitivo não favoreciam os debates e a entrada em circulação de problemas políticos reais que se colocavam para aquelas sociedades. Os meios de comunicação de massa, transformados em aparelhos ideológicos do Estado, veiculavam somente as notícias que o grupo hegemônico determinava como de interesse nacional, e a guerra em Angola não se enquadrava nessa classificação. Assim, para muitos

⁴⁴ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, cit., p. 144.

portugueses, essa questão só começa a fazer sentido quando têm de enfrentar a dor causada pela guerra. Ao viabilizar esse confronto, o romance preenche as lacunas decorrentes do silêncio imposto pela ditadura salazarista.

Lamentavelmente, para esses portugueses que passaram à margem da problemática colonial, a consciência do que estava acontecendo chegou tarde demais: “Claro que chegamos tarde demais, se não chegássemos tarde demais é que me espantava”⁴⁵. O resultado dessa demora implica inúmeras perdas humanas “perdi-os conforme perdemos os diamantes por chegar tarde demais”⁴⁶.

Diante dessa constatação tardia do problema e da indefinição de um projeto futuro, o romance permite recuar a um tempo anterior. O passado a que o romance remete é o do universo mítico português. Apesar de os personagens habitarem um tempo pós-colonial, no romance de António Lobo Antunes, a postura dos agentes portugueses corresponde ainda, ideologicamente, a um imaginário violento e colonialista. Constata-se que esse imaginário não se desfaz com o término de uma política expansionista, como afirma Said:

[...] embora tal era possuíse claramente uma identidade própria, o significado do passado imperial não se encerra apenas dentro dela, tendo se introduzido na realidade de centenas de milhões de pessoas, onde sua existência como memória coletiva e trama altamente conflituosa de cultura, ideologia e política exerce enorme força.⁴⁷

Os Agentes atuam como se Angola continuasse sendo uma colônia de exploração, tiram proveito da situação de transição por que passam ambos os países conduzindo ações criminosas ligadas a atividades clandestinas. Nessa fenda entre passado e presente, que no romance se pretende atar, a guerra toma um sentido infinito, mantendo-se como uma imagem viva na memória dos personagens:

[...] disso lembro [...] atenta às cicatrizes dos canhões sem recuo nas esquinas, ao abandono dos quintais, à piscina vazia em que os dentes de um soldado morto continuavam a crescer, ela devagar primeiro, quase a correr depois, esquecida de mim.⁴⁸

⁴⁵ LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 365.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 380.

⁴⁷ SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**, *cit.*, p. 43.

⁴⁸ LOBO ANTUNES, António. *Op. cit.*, p. 15.

As guerras desdobram-se em outras guerras, umas mais clandestinas que as outras, mas não menos perversas. O enredo do romance desenvolve-se na perspectiva de uma guerra não-oficial, não registrada pelos livros de História. Lobo Antunes oferece relatos de uma guerra travada entre portugueses e angolanos corruptos, disputando entre si a posse de diamantes. Narra a trajetória de portugueses que voltam a Angola após a guerra de independência, retornando como criminosos, sobretudo para disputar riquezas que ainda restassem e matar, se necessário.

Nesse cenário de guerras, o romance viabiliza uma leitura crítica do passado mítico português, a fim de reavaliar o comportamento de uma parte importante da sociedade portuguesa em relação ao fim do colonialismo; por outro lado, estabelece condições para se repensarem os rumos futuros entre ex-colonizados e ex-colonizadores. Nessa reavaliação do comportamento, interessa destacar-se o quanto ainda estão presentes no imaginário de alguns portugueses as posturas preconceituosas e discriminatórias que demarcaram o período colonial. No romance em foco, eles estão representados na figura dos Agentes que chegam a Angola impregnados do racismo colonialista e completamente alheios aos acontecimentos políticos, mostrando-se interessados apenas nos diamantes

[...] tanto se faz que se matem, que morram, os brancos que vivem com eles pretos também, uma terra de pretos, uma terra suja de pretos que não me interessa onde fica [...] já lhe expliquei que não importa, não tem de ocupar-se com o que sucede depois, resumindo e para que fique ciente a nossa única questão são os diamantes que o mestiço não nos entrega.⁴⁹

Antes de se prosseguir com a análise sobre o olhar preconceituoso do colonizador, revisita-se o imaginário mítico português através da fala de Eduardo Lourenço. Ao traçar essa psicanálise, ele dedica sua reflexão à atitude dos portugueses em relação à descolonização. Com base em Lourenço, pode-se explicar esse comportamento pela formulação de um sentimento patriótico que alimentou uma hiperidentidade portuguesa, fazendo com que os portugueses se sentissem diferentes dos outros povos:

O nosso problema [...] não é problema de *identidade*, se por isso se entende questão acerca do nosso estatuto nacional, ou preocupação com o sentido e teor da aderência profunda com que nos sentimos e sabemos *portugueses*, gente

⁴⁹ LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 179.

inscrita num certo espaço físico e cultural, mas de hiperidentidade, de quase mórbida fixação na contemplação e no gozo da *diferença* que nos caracteriza ou nós imaginamos tal no contexto dos outros povos, nações e culturas.⁵⁰

A fixação numa *diferença* dos outros acarreta aos portugueses certo isolamento. Para Eduardo Lourenço, por se julgarem prodigiosos, os portugueses têm dificuldades em dialogar com o outro:

Quando se nasce numa comunidade deste tipo, o perigo não é o de perder a *identidade*, é o de confundir a particularidade dela com a *universalidade*, o de não ser capaz, senão à superfície, de se abrir e dialogar com o *outro*, o de nos imaginarmos narcisicamente o *centro do mundo* criando assim uma espécie de universo de referências *autistas* onde naufraga o nosso sentimento da realidade e da complexidade do mundo. Não está o comportamento genérico dos portugueses isento dessa tentação ou inclinação, tanto mais surpreendente quanto parece desmentido pelo fenómeno histórico da nossa *dispersão* pelo mundo, exemplificador, segundo Jaime Cortesão, do famigerado *humanismo cosmopolita dos Portugueses*.⁵¹

Essa dificuldade com o diálogo decorre das relações hierárquicas e desiguais constituídas entre portugueses e os outros povos ao longo de sua história de conquistas e dominação. Esse distanciamento finda não sendo percebido por alguns portugueses, principalmente os defensores de regimes autoritários. Os adeptos dessa ideologia sustentam uma imagem extremamente benévola de si mesmos, acreditando na sua formação cristã e, portanto humanitária, como também, na vocação intrínseca de povo conquistador por excelência. Constata-se esse traço, por exemplo, se se retomar a fala oficial do Estado Novo, nas suas estratégias de inculcação levadas a efeito pelo regime salazarista. Na visão de Salazar, a colonização é um serviço prestado à paz da Europa, significando levar a outros povos o conceito de civilidade por eles desconhecidos – por conseguinte, um gesto cristão glorificador do povo português. Nas suas palavras,

Portugal é um velho país livre, homogéneo na sua formação, de fronteira imutáveis quase desde que se constituiu em Estado independente, pacífico na história acidentada da Europa, mas afadigado no mar para onde se desenvolveu a sua força de expansão, descobrindo novos territórios que povoou, colonizou, civilizou, incorporou no seu próprio ser nacional. Somos filhos desse passado, e não por mera deferência pela vontade inequívoca de nossos pais, mas pela clara consciência do serviço que prestamos à paz da Europa e à civilização no mundo, nós afirmamos serenamente a vontade de sermos no presente e no futuro o que sempre fomos no passado, livres, independente, colonizadores.

⁵⁰ LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa*, cit., p. 10.

⁵¹ *Ibid.*, p. 14.

Temos nós, aqui ao longe, o direito – da ocupação, da conquista, da descoberta, da ação colonizadora, da fazenda e sangue dos portugueses regando a terra por todas as partes do mundo, cultivando solo, desbravando a floresta, comerciando, pacificando, instruindo. É a vontade do povo; é o imperativo da consciência nacional.⁵²

No discurso de Salazar, a colonização é algo indissociável da cultura portuguesa. Segundo ele, os portugueses nasceram predestinados a conquistar e a dominar, com o objetivo de iluminar os povos ainda em estágio – considerado por eles – primitivo, concretizando assim a profecia do Quinto Império. A colonização, por ser consequência desse sentimento desbravador, toma outro significado, representa o agigantamento de Portugal, o país que se estende além-mar.

Ao trazer esses portugueses à África após a guerra da descolonização, o romance de Lobo Antunes reabre a perspectiva de se visitar esse imaginário colonizador português – um imaginário moldado ao longo de vários anos de conquistas militares na África, que a ditadura salazarista insistiu em perpetuar.

Esse regime político imprimiu ao país um fervor nacionalista tal que, para determinado segmento da sociedade, era quase impossível pensar numa imagem coletiva diferente da que era posta em circulação pelo regime. O discurso do Estado Novo era impregnado de uma realidade que não se conferia na experiência prática das ruas. Em todas as questões públicas, Portugal era tratado não como um país sujeito a valores e práticas políticas, mas como um emblema enfeixado de significados messiânicos. Considerando que os veículos de comunicação sofriam um controle rigoroso na sua programação e que eram proibidos de tocar em temas como as guerras coloniais, o sono tranqüilo do mais comum dos portugueses era preservado. Nos discursos de Salazar, o processo de colonização está representado como uma tradição a ser cultivada, por ser um bem herdado dos antepassados. Para ele, em Portugal, nação cristã, de princípios humanitários, o que se havia implementado era um modelo harmonioso de colonização, como se pode constatar em seus discursos:

No meio das convulsões presentes nós apresentamo-nos como uma irmandade de povos, cimentada por séculos de vida pacífica e compreensão cristã, comunidade

⁵² SALAZAR, António Oliveira. **Discursos, notas, relatórios, teses, artigos e entrevistas. Antologia 1901-1955.** [s.l.]: Vanguarda, 1955, p. 257-258.

de povos que, sejam quais forem as suas diferenças, se auxiliam, se cultivam e se elevam, orgulhosos do mesmo nome e qualidade de portugueses.⁵³

Na concepção do ditador português, o princípio da unidade do Império consistia no fato de que não havia colônias, e sim províncias ultramaras, com as quais a metrópole mantinha relações amistosas. Ora, não havendo colônias, não havia também razão para se discutir a descolonização, sobretudo porque um dos dogmas do regime era a unidade do império. Segundo afirmou o professor Fernando Rosas em curso que ministrou na PUC-Rio, seria extremamente arriscado, do ponto de vista da política nacional interna, que se pudesse discutir a integridade do corpo nacional, isto é, o todo que incluía os territórios das colônias. Assim, a descolonização aconteceu sem maiores discussões públicas, sem uma negociação progressiva, no sentido de se visitar e examinar as raízes do processo na perspectiva dos portugueses. A ausência dessa reflexão terminou por gerar uma certa alienação em relação à questão, como se pode ver no documentário *As armas e o povo: uma sociedade apática, atordoada e sem compreender muito bem o que se estava passando*. Durante o salazarismo, a reiterada valorização nacionalista resultou numa profunda inibição do debate público, apontada nas palavras de Lourenço:

Por pouco não terminou em *apoteose*, o drama empírico do abandono em pânico das antigas colônias à parte, quer dizer em *glorificação positiva* da mesma mitologia, mas lida às avessas, que servia a Salazar para decretar que Angola e Moçambique eram tão portuguesas como o Minho e a Beira. É verdade que o drama existiu objectivamente como *cegueira nacional* durante quase treze anos partilhada pela maioria dos metropolitanos e a totalidade dos coloniais, mas a natureza do antigo regime não só o não deixou vir à superfície impedindo a questão africana de se tornar *objecto de pública e natural discussão* como promoveu a página gloriosa (uma mais) a acrescentar ao nosso currículo de fabricantes de pátrias lusas.⁵⁴

O resultado dessa inconsciência política foi uma descolonização rápida e abrupta, abafando as dores que o processo naturalmente implica. O rompimento de laços, mesmo que autoritários, entre colonizador e colonizado não se desfaz por decreto. A convivência cultural estabelecida entre eles durante anos deixa marcas que não se diluem da noite para o dia. Nessa saída apressada, o

⁵³ SALAZAR, António Oliveira. *Discursos, notas...*, cit., p. 264.

⁵⁴ LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*, cit., p. 43.

colonizador não garantiu a estabilidade no país colonizado, deixando margem para que grupos rivais disputassem com igual violência o poder.

Não se pode esquecer que, paralelamente à guerra da descolonização que data da segunda metade do século XX, entre as décadas de cinquenta e setenta ocorria, na esfera mundial, a Guerra Fria entre as duas grandes potências: Estados Unidos e União Soviética. Disputavam essas duas nações a expansão de seus regimes políticos: de um lado, o capitalismo representado pelos Estados Unidos e do outro, o socialismo na União Soviética. Nesse contexto, eles abonavam alianças nacionais com países que estavam em luta pela sua independência. Ao contarem esses países com o apoio desses blocos internacionais, amplificava-se a violência em seus territórios. Esse foi o caso de Angola, que, ao sair da guerra da independência, teve de enfrentar a divergência dos movimentos de libertação, expressos principalmente na luta armada entre o MPLA, de tendências marxistas, apoiado pelos soviéticos e cubanos, a FNLA, de posturas anticomunistas, contando com o apoio dos Estados Unidos, e a UNITA, uma dissidência do FNLA, que também dispunha da ajuda dos americanos. Essas guerras são retratadas no romance de Pepetela. Por ora, remete-se às guerras fratricidas, simplesmente, para que não restem dúvidas de que, apesar das desatenções às questões coloniais por parte da classe dirigente portuguesa, ela não foi a única responsável pelos fatos ocorridos em Angola após a descolonização, o que também não a exime de sua responsabilidade. Oportuno lembrar-se Frantz Fanon: “O colonialismo e o imperialismo não pagaram suas contas quando retiraram suas bandeiras e suas forças policiais de nossos territórios.”⁵⁵

Interessa-nos nesse momento refletir sobre a maneira como a ditadura salazarista conduziu a descolonização. Em frações de segundos – numa madrugada – o discurso nacionalista, sustentáculo de treze anos de guerra, diluiu-se.

O jogo retórico que os salazaristas sustentaram em relação às colônias colaborou para que a maioria da sociedade portuguesa não percebesse a descolonização como um momento de autoconsciência e responsabilidade civil. A luta travada entre portugueses e angolanos, por não se tornar assunto público, sensibilizou apenas uma parte significativa dos portugueses, mas grande maioria

⁵⁵ *Apud SAID, Edward W. Cultura e imperialismo, cit., p. 43.*

viveu essa experiência como sendo um fator que lhes era externo, ausentando-se assim do cenário político, conforme atesta Eduardo Lourenço:

A resistência armada da rebelião africana, os seus sucessos, ou mesmo os seus insucessos traduzidos positivamente num contexto histórico de contestação da presença europeia colonialista sob todas as suas formas, a própria consciencialização progressiva e progressista dos herdeiros do Mouzinho que descobrem por sua conta os limites ou a *mentira congenital* da versão colonialista que deviam ajudar a salvaguardar, acabaram por tornar *dramática* a política nacional, ao menos aos olhos dos mais lúcidos, mas jamais essa *consciencialização forçada* pôde atingir em profundidade e responsabilidade um povo que se suporia jogar nessa aventura a forma mesmo do seu destino.⁵⁶

Essa ausência e essa indiferença são temáticas abordadas no livro *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, que apresenta uma narrativa pulsante de dor e lirismo, tecida pelas múltiplas vozes que caracterizam o universo discursivo do autor. Apesar de o romance desenhar um cenário de massacres e de horrores trazidos pela guerra, há nele toda uma *poiésis* presente nas metáforas insólitas, em que uma cebola se transforma numa esfera de lágrimas⁵⁷. As experimentações lingüísticas são traços marcantes na obra de Lobo Antunes. Com liberdade estonteante, ele desconstrói a tradição linear das narrativas, pulverizando-a no discurso da memória.

Oportuna a digressão sobre o estilo de Lobo Antunes; contudo, em razão de não ser esse um ponto explorado pela dissertação, ele não será esmiuçado. Volta-se às reflexões acerca da descolonização apontando as lacunas herdadas pelo salazarismo.

A herança deixada por uma descolonização apressada é o grave contexto de ruptura, incerteza e violência que está extremamente bem retratado no romance de Lobo Antunes. O confronto entre os Agentes portugueses e os angolanos, numa cruel disputa pelo controle do contrabando de diamantes, é bastante emblemático da realidade angolana no período pós-revolucionário. O país transformou-se numa arena, e de modo selvagem todos querem apoderar-se ilegalmente das riquezas

[...] eu a erguer a garrafa numa saúde ou num convite, ele a hesitar e contudo a corneta da praça, os aplausos, entrever a sua cauda, o seu chifre, o seu olho

⁵⁶ LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*, cit., p. 43.

⁵⁷ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, cit., p. 93.

peludo ao mesmo tempo que o Miguéis entrevia a minha cauda, o meu chifre, o meu olho peludo, nós diante um do outro dois toiros idênticos.⁵⁸

Lobo Antunes convoca justamente a pequena burguesia lisboeta, apática e politicamente desinteressada para protagonizar a sua narrativa. Evidentemente, essa escolha não foi ingênua. Lobo Antunes é um intelectual impiedoso com as massas de manobra, com aquele segmento da sociedade portuguesa que se acovardou e respeitou de todas as maneiras o salazarismo. Talvez por isto, reconduzi-los à África, agora destroçada pela guerra, seja uma tentativa possível de fazer com que aqueles portugueses finalmente realizassem a situação de uma guerra ocultada, colocando-os como protagonistas dos absurdos cometidos em Angola. De acordo com Lourenço, a ficção de Lobo Antunes é uma oportunidade de se rever criticamente, além de todo o passado mítico português, a ficção da ditadura de Salazar:

A África foi o espelho no qual ele [Lobo Antunes] pôde ver melhor, de longe, aquilo que eram as utopias, as *rêveries*, as hipocrisias, o delírio da existência portuguesa no seu conjunto, tal como ela tinha sido vivida discursivamente ficcionada durante a época que nós chamamos a época do salazarismo.⁵⁹

Nesse sentido, o romance em questão funciona como um espelho para Portugal. Ao possibilitar o confronto da indiferença com a dor, projetada, na ficção, uma situação capaz de deflagrar discussões necessárias à construção de um novo imaginário, agora liberto das influências messiânicas e ufanistas geradas na era dos descobrimentos e das quais a ditadura tão bem se valeu.

Aceitando a idéia de que os títulos dos romances, de certa forma, funcionam como sinopse dos mesmos, no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* o título sinaliza para uma narrativa que tem como sustentação o diálogo. Mas saber quem dialoga com quem é uma charada a ser decifrada pelo leitor. Sendo assim, analisar o título do romance na busca de pistas pode ser um bom começo. Tomando a expressão *boa tarde* como enunciado que expressa uma saudação, tem-se aí alguém se reportando a alguém com o desejo de que as coisas

⁵⁸ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, *cit.*, p. 33.

⁵⁹ LOURENÇO, Eduardo. Divagações em torno de Lobo Antunes. In: CABRAL, Eunice; JORGE, Carlos J. F.; ZURBACH, Christine (Orgs.). *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes: Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 351.

estejam bem. Avançando na extensão do enunciado, tem-se a locução adverbial *em baixo*, que indica a posição dos interlocutores, significando que a relação dialógica ocorre entre sujeitos que estão localizados em pontos opostos. Pensando em termos espaciais geográficos, Portugal localiza-se acima do Equador e Angola abaixo, o que define quem dialoga com quem. Remetendo-se ao título, pode-se deduzir que os portugueses, habitantes do espaço acima, saúdam os angolanos em território abaixo. Entretanto, conclui-se que os portugueses cumprimentam os angolanos sem saírem de sua posição superior. Para concluir essa breve apreciação do título do romance, encontra-se no enunciado outro advérbio de lugar – *aqui* –, indicando que o falante está embaixo. A colocação desse advérbio desestrutura o lugar do falante. Afinal, onde está ele? Em cima ou embaixo? Está-se diante de um jogo que o coloca no lugar de cima e de baixo ao mesmo tempo. Retomando a idéia anterior de que o diálogo ocorre entre portugueses e africanos, pode-se então dizer que Portugal e Angola transcendem a superposição, não geográfica, mas política, existente entre eles. Essa reordenação hipotética espacial aponta para um novo entendimento, diluindo-se a relação hierárquica que marcou anteriormente a relação entre ambos. De acordo com o pensamento marxista, a exploração de uma nação por outra produz ódios nacionais⁶⁰. Esse movimento de trazer Portugal para perto de Angola pelo diálogo resulta em reinscrevê-los num novo contexto, em que esse sentimento de aversão deixado pela colonização tome dimensões outras. Essa aproximação, indiretamente, auxilia na reconstrução desses dois países, acontecendo de forma dialógica e não-arbitrária – pois, como bem coloca Helder Macedo, todas as culturas só podem se enriquecer por meio do diálogo com outras culturas⁶¹.

A construção desse diálogo coletivo com vistas à reestruturação cultural e política em Angola e em Portugal funciona como uma fissura no discurso colonialista que a ditadura fomentou. Ao caminharem no sentido de desmistificar esse discurso, os portugueses podem olhar para si mesmos, enxergando suas potencialidades e limitações sem as máscaras do ufanismo, como na voz de Lourenço:

⁶⁰ LÖWY, Michael. **Nacionalismos e internacionalismos: da época de Marx até nossos dias**. São Paulo: Xamã, 2000, p. 50.

⁶¹ MACEDO, Helder. *Sociedade pós-moderna...*, *cit.*, p. 15.

Da nossa perda de Angola e Moçambique vivemos o *luto* com insólita serenidade quase pura indiferença. Podemos também dizer, com justificado *bom senso*, tardio, mas salutar. A guerra colonial e o seu fim catastrófico – de um ponto de vista colonialista – mostraram não só os limites óbvios do nosso poder enquanto nação colonizadora, mas também a prodigiosa *irrealidade* da imagem e dos mitos que nos permitiam usufruir candidamente – num mundo em plena metamorfose – da idéia de que éramos *senhores* dos territórios desmedidos que no tempo da distração (relativa) imperialista ocidental tínhamos podido guardar.⁶²

3.2

Dos horrores da guerra aos horrores humanos

Ao transportar os portugueses para Angola, a narrativa assume dupla função: de um lado possibilita o enfrentamento dos horrores da guerra, demonstrando as limitações portuguesas; do outro iguala os portugueses aos angolanos numa mesma conjuntura de amarguras.

Ao explorar a estética da dor e do sofrimento, o romance poderia funcionar como um espectro aterrorizador da “vida pacata” de alguns portugueses. Os “bons cristãos” identificados com o período salazarista poderão visualizar os horrores impostos a outros povos. É diante de tal quadro que, na ficção de Lobo Antunes, oscila-se entre a indiferença (ou fuga) e o remorso:

nesta construção colonial em que um qualquer chefe de posto deixou o retrato dos filhos que mal se distinguem na moldura [...]

procurando sapos nos charcos, separando a terra na esperança de cobras que se fritam num tacho, roubando o girassol e o algodão aos pássaros e a mim, às vezes, ao acabar o dia, quando a primeira garrafa não iniciou por enquanto o seu trabalho a favor da indiferença e a memória e o remorso continuam a doer-me

(porque o inferno consiste em lembrarmo-nos a eternidade inteira

não é verdade?

Imersos num caldeirão de recordações de que vêm, à superfície da fervura [...]

aparece-me na cabeça, não na cabeça, logo diante de mim, isto que remendo com palavras ou aconteceu de facto

aconteceu de facto⁶³

⁶² LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa*, cit., p. 13.

⁶³ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, cit., p. 27-28.

Entretanto, não há como fingir que nada aconteceu; os fatos históricos comprovam a realidade ficcional. É pertinente nesse momento retomar a fala de Seabra: “não se foge de Angola”, ou seja, não há como se desvencilhar de seus fantasmas, por mais que se queira. Eles reaparecem na memória a fim de manter viva a imagem do sofrimento imposto pelas práticas coloniais aos africanos. Manter na memória essas imagens é, para determinados escritores portugueses, uma estratégia de resistência – de acordo com Maria de Lourdes Simões Netto quando afirma: “reinventam outras estratégias de resistência, inclusive não deixando apagar a memória dos tempos de opressão colonizadora”⁶⁴. Segundo ela, a ficção portuguesa, ao trazer as imagens cruéis da guerra e da condição colonial, desarticula o conceito de resistência construído na dicotomia oprimido / opressor, colocando-o numa perspectiva de identidades deslocadas. Essa nova dimensão foca a história por um ângulo dessacralizante, tornando-a um instrumento de resistência a governos hegemônicos, ditatoriais. Nesse contexto insere-se o romance de Lobo Antunes; a insistente imagem da guerra que perpassa toda a narrativa funciona como um grito frente ao tabu que era discutir a guerra, como afirma o autor em entrevista a Maria Luisa Blanco:

– Depois da revolução era como se a guerra e a polícia política não tivessem existido. Foi um fenômeno de amnésia colectiva, não interessava a ninguém recordar o sofrimento dos que foram para Angola, ninguém queria recordar a repressão sob a qual o país tinha vivido durante tantos anos.⁶⁵

Se, na linha do pensamento de Eduardo Lourenço, os “terrores sepultos” dos portugueses estão assentados nos males infligidos aos outros, por outro lado os fantasmas angolanos estão no ambiente dominado pela miséria. A Angola que se lê no romance de Lobo Antunes é um país marcado pela irresponsabilidade social atolado numa crise moral.

Marina, a personagem angolana que no romance representa a voz africana, assume, com a morte dos pais e do tio, o comércio dos diamantes. Ao se ver nessa posição, ela tem de enfrentar a violência dos Agentes; entretanto, vive um

⁶⁴ SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Resistência e diferença cultural: a ficção portuguesa contemporânea, como exemplo. In: SANTOS, Pedro Brum (Org.). **Literatura portuguesa e pós-colonialismo: produção, recepção e cultura**. Santa Maria, RS: Programa de Pós-Graduação em Letras – UFSM, n. 23, jul./dez. 2001, p. 28.

⁶⁵ BLANCO, Maria Luisa. **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 58.

romance contraditório com um deles, o Seabra. Dessa relação nasce um filho, do qual não se sabe o paradeiro, é mais um mestiço que, como tantos outros, se perde no redemoinho de identidades. Ao se acompanhar a trajetória dessa personagem, encontram-se subsídios para melhor explicitar as contradições políticas e econômicas, bem como as questões identitárias vivenciadas pelos angolanos nesse período pós-guerra. Marina, como outras crianças, também teve sua infância abortada. Umás perderam a juventude na prostituição e na gravidez precoces, como registra a cena do romance:

eras preta

escondias os paninhos do sangue na terra e o Gonçalves a machucar-te o braço

– Engravidaste de mim?

– Calma

um ramo todo na janela enquanto dedos, um estilete metálico, tu catorze, quinze anos ou doze, ou treze, o enfermeiro

– Não tem mais de dez anos

a pulseirinha de borracha, o colarzinho de crina, panos de sangue que enterravas no instante em que o tiro, o que sentias, o que pensavas, não sentias, não pensavas

– Calma

e agora que o enfermeiro

– Acabou-se a gravidez senhor Gonçalves

enterra-te a ti mesma anda, um corpo de criança

oito anos, nove anos?⁶⁶

Outras, como a jovem angolana, protagonista do romance, tem a meninice abortada por se ver, desde cedo, envolvida nas atividades clandestinas praticadas por seus familiares. Essa cena descrita no romance e tantas outras de mesmo teor conduzem o leitor a uma gama de sentimentos que vai desde a indignação à revolta. Ao explorar esses sentimentos, a narrativa de Lobo Antunes traduz-se numa “leitura incômoda”. Provoca certo mal-estar por expor a miséria humana, por apontar os desconfortos e desajustes do homem contemporâneo.

Marina representa uma geração que nasceu e se criou sob a vigência da guerra. O convívio constante com a morte inibe perspectivas futuras, e as condições ingratas de sobrevivência não deixam muitas opções além da

⁶⁶ LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 490.

contravenção. Desse modo, associada ao seu tio, busca tirar proveito da fragilidade econômica e institucional que o país atravessa. Como elementos incômodos no seu circuito de influência, surgem os agentes Seabra, Miguéis, Gonçalves e Morais, enviados pelo Serviço Secreto de Portugal. Surgem, entretanto, sentenciados como fantasmas, numa movimentação que faz lembrar o espelhamento. Algozes e condenados convivem trágica e miseravelmente em jogo de armadilhas duplas e violentas.

Eles vão para Angola para matar Marina e o tio. Nessa contenda entre portugueses e angolanos pelo poder sobre as riquezas locais, outro desafio é imposto aos angolanos. Depois de enfrentarem uma guerra pela descolonização, seguida de outra, fratricida, cujo objetivo era definir o regime político a ser adotado pela nação que se fez independente, os angolanos têm de se confrontar com um inimigo mais cruel: sua própria degradação ética e moral. Na narração de Lobo Antunes, lê-se pela voz de um dos personagens: “bandos que se contradiziam, lutavam entre si a exigirem relógios, casacos, mochilas, os colchões”⁶⁷. A tomada de consciência dessa condição em que se encontra o país é por demais dolorosa; assim se reporta “o mestiço para o capataz num desgosto sincero – Não se sente culpado de roubar o Estado senhor?”⁶⁸. Apesar de tudo, o romance parece conter a crença utópica de um Estado justo, exatamente na medida em que parecem áspere e indispensáveis os procedimentos de que o escritor se vale para o romance.

Na narrativa, a situação caótica favorece os portugueses inescrupulosos, defensores da permanência de atividades clandestinas, por entenderem ser ela a única forma de sobrevivência econômica dos angolanos nesse período conturbado:

Varro, um trabalho simples amigo envio os diamantes para Lisboa e torno Angola aseada, só tens que me largar o dedo um instante, que te comportar como a parenta antiga, prima de uma prima ou tia de uma tia ou prima de uma tia ou tia de uma prima a que a tua mãe.⁶⁹

Esse trecho da narrativa remete a análises paradigmáticas. Depara-se com personagens adeptos de práticas violentas como justificativa da ordem social. Era esse o pensamento predominante no período ditatorial. Privilegiar esses

⁶⁷ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, cit., p. 139.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 282.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 332.

portugueses, como faz a narrativa, é trazer para a discussão a questão do futuro político para os ex-colonizados. Será possível pensar num amanhã para Angola em que essas práticas corruptas sejam eliminadas sem violência e sem autoritarismo? Eis uma questão que transcende os espaços portugueses e angolanos e se estende a todo um contexto das ex-colônias e países periféricos. Estaria a democracia nesses países fadada a coexistir com práticas de uma política viciada e inescrupulosa? Seria a democracia, para eles, sinônimo de degradação moral e social? Como equacionar práticas democráticas e condutas dignas? Essas perguntas ficam no ar, exigindo respostas urgentes.

Durante as guerras anteriores, o comércio clandestino de armas era rendoso e enriqueceu tanto os angolanos (Marina e o tio) quanto os portugueses (os Agentes); cessada a guerra, essa prática comercial ilegal foi substituída pelo contrabando de diamantes.

Nesse contexto de competição, levada ao extremo, a morte apresenta-se como a única opção imaginável.

e resolvemos destruindo os pretos primeiro, oferecendo-nos aos pretos que sobejaram para que nos destruíssem depois e destruindo-os por fim consoante destruí o alvo e a sobrinha do alvo, até não ficarem mais, para os americanos que hão-de vir [...] ⁷⁰

A morte aparece no romance como uma alternativa sustentada não mais pela defesa de um nacionalismo, mas sim pelas novas regras do mercado neoliberal. Não se trata de matar o inimigo, como na guerra da descolonização. Lá a disputa era política. Nessa guerra não-oficializada, o motivo é de outra ordem, passa pela esfera econômica. Os Agentes vão matar os angolanos impulsionados pela lógica da acumulação, cuja premissa é o “salve-se quem puder”⁷¹. Na iminência de que a burguesia local passe a controlar o comércio ilegal de diamantes com os outros, no caso os americanos, uma nova guerra não-oficial recomeça. Sendo assim, o primeiro agente vai a Angola para matar o tio de Marina, a menina mestiça. O clima de intimidade que se estabelece entre ela e o agente Seabra impede, de certo modo, que ele atinja o seu objetivo infausto e,

⁷⁰ LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 67.

⁷¹ CHAVES, Rita. *Pepetela: romance e utopia na história de Angola*. In: _____. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005, p. 103.

finda por transformá-lo no alvo do segundo agente. Com isso, o cenário angolano passa a ser um espaço de caçadas entre portugueses e mestiços, e de portugueses entre si mesmos. Nessa circularidade, ao estilo conhecido de Lobo Antunes, a narrativa reafirma a perspectiva anteriormente abordada de uma guerra sem fim, retomando o viés pessimista; o leitor depara-se com brancos matando negros, negros matando brancos, negros matando negros, brancos se matando entre si, numa projeção infinita. Vai Seabra, vai Miguéis, vai Gonçalves, vai Morais, vão todos para uma “arena de touros”, sem saber se regressam ou se morrem. Do mesmo modo que para Marina e o tio, para esses agentes existe apenas o presente, que é fatídico. O futuro é uma interrogação que se vislumbra obscura e nebulosa: “não sobramos muitos em Luanda pois não, há ocasiões em que me pergunto se sobramos nós.”⁷²

A relação afetiva vivida por Marina e Seabra pode ser interpretada como elemento desencadeador do fracasso da missão. Eles interagem de tal maneira que em determinado momento são fundidos na narrativa “– Sou o Seabra Marina.”⁷³ Nesse jogo de palavras há uma retomada da questão da alteridade que marca a obra de Lobo Antunes, aproximando-o do pensamento de Jacques Derrida, segundo o qual o outro funciona como suplemento, aquele que supre, mas não totaliza. Num outro ângulo, a inexistência da pontuação convencional sugere a intenção de unir os dois personagens em um só, embaralhando suas identidades. Diante desse fato, o romance abre outra perspectiva de análise, a do multiculturalismo.

Propõe-se aqui que nessa figura “Seabra Marina” estaria condensada uma vasta questão associada à multiplicidade da realidade cultural africana, como também da portuguesa. Marina não se sabe branca ou negra. Interroga-se se serão duas: a branca Palmira ou a mestiça Marina? Esse questionamento é próprio de quem teve de conviver com a hegemonia cultural de outro país:

Marina, no fim de contas uma preta como as outras ou talvez mais preta do que as outras dado que pelo facto de não ser preta se apercebe que é preta [...] parece uma assinatura não parece, parece um nome

Palmira [...]

– É a Palmira que prefere?

⁷² LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 263.

⁷³ *Ibid.*, p. 178.

a alta, loira, gorda⁷⁴

Marina sintetiza o conflito identitário enraizado nos indivíduos sujeitos à colonização. A imposição de outra cultura, que não a de seu país, gera no colonizado um sentimento de negação da sua própria imagem. Anos de convivência colonialista contribuem para a consolidação de um pensamento cujo paradigma é o colonizador. O colonizado seria, por excelência, dotado de qualidades inferiores.

O deslocamento físico promove um abalo no personagem Seabra, que, durante sua experiência no Serviço Secreto, tem dificuldades em fazer a distinção entre o espaço português e o angolano. A sensação de familiaridade com os traços e as marcas identitárias presentes em Angola deflagram conflitos no personagem português, que se encontra deslocado de seu lugar de origem, enfrentando o drama de quem precisa sair de seu país para viver outra cultura:

de tal modo simples que chego a perguntar-me se saí de Lisboa, destas ruas, destes largos que julgava familiares e me parecem estranhos, conduzido a sítios igualmente familiares que todavia não conheço, pronuncio o nome deles e admiram-me os nomes, encontro-os e não descubro o que são, estou aqui mãe, não em África.⁷⁵

Da crise espacial, os Agentes chegam à identitária; o olhar que eles têm de si mesmos é de alguém fragmentado – “sou tanta coisa dispersa”⁷⁶ – ou de vazio – “Não sou nada”⁷⁷. Junto com o sentimento de uma identidade varrida, vem a vontade de buscá-la: “e eu um feto que protesta”⁷⁸. Nessa passagem, o romance retrata a contradição vivenciada pelos colonizadores, que, como os colonizados, sofrem também o fenômeno da desterritorialização. Sentem-se deslocados na África:

[...] que não só se habituava a África como não alcançava o que África era, movia-se no meio dos destroços e troncos cuidando que troncos e destroços somente, este calor, esta febre, estes animais estranhos, esta violência sem razão.⁷⁹

⁷⁴ *Ibid.*, p. 179.

⁷⁵ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, *cit.*, p. 143.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 502.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 502.

⁷⁸ *Loc. cit.*

⁷⁹ *Ibid.*, p. 114.

Sentem-se incapazes de compreender até mesmo o sentido de tanta violência colonial.

Ao se pensar que a discussão do multiculturalismo ultrapassa questões nacionalistas, retoma-se o início das reflexões desta monografia.

Naquele momento, tomou-se a idéia de *indiferença* como resultante do encontro entre o passado mítico português e os mecanismos de apagamento e de censura que não permitiram que temas ligados à violência nas colônias entrassem em circulação em Portugal para traçar a trajetória de sua influência e utilização pela ditadura salazarista. O que interessava era ressaltar as causas da indiferença portuguesa frente à descolonização, de modo a compreender por que os agentes (representantes de um segmento muito específico da sociedade portuguesa) se comportavam alheios a essa questão. Pois enquanto em Angola se morria, em Portugal a classe média pequeno-burguesa (alvo recorrente das ácidas críticas de Lobo Antunes) continuava a sua vidinha prosaica, preocupada com questões menores:

Como se isso pudesse acontecer a quem está em casa sossegado com a família e por família entende-se a minha esposa e os meus três filhos, dois rapazes e uma menina respectivamente de onze, oito e três anos, mais ou menos sentados na sala num domingo de julho

e digo mais ou menos por as crianças nunca se sentarem muito tempo seja onde for

pedindo que me ajudem a decidir visto que apesar da minha autoridade natural de marido e pai não gosto de decidir sozinho, se vamos à praia ou não vamos à praia gozando, por um lado, este sol, este calor e esta ausência de vento que me ajudam a pender a favor da praia, e por outro a suspeita

quase a certeza

que a esta hora e nesta cidade de Lisboa centenas, quiçá milhares de maridos e pais com a mesma idéia que eu se acumulam na estrada.⁸⁰

Ao se rastrear as causas da indiferença portuguesa, findam-se por desnudar os paradoxos do imaginário colonialista. Muitas vezes, é possível que o homem de bem, o pai de família exemplar, democrático com seus filhos, seja o mesmo que vai a Angola matar a serviço de alguma operação secreta. Importante lembrar que esses agentes são personagens sem rostos definidos, podendo, portanto, ser identificados com qualquer indivíduo. Matam com uma naturalidade de quem vive

⁸⁰ LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 521.

desse ofício: “uma tarefa simples para quem desde há onze anos se ocupa de contra-informação, quer dizer o trabalho mais simples deste mundo [...]”⁸¹ Esses portugueses chefiados por militares retratam o corporativismo do regime militar autoritário e ratificam os serviços de espionagem que existiam durante e se mantiveram mesmo com o fim da ditadura. São homens frios e irônicos, capazes de falsear a realidade, de modo a negar a existência de um Serviço Secreto diante da instabilidade política em que se encontrava Portugal:

tenho sessenta e um e com as mudanças no Governo o Serviço não existe, nunca existiu, uma simples repartição do ministério senhores, uma administraçãozinha perdida, que calúnia os diamantes, esses que os inspectores afirmam serem agentes nem nós sabemos onde estão senhores, não trabalham connosco, encarregávamo-los de quando em quando, por esmola, de uma visita ou outra, não negamos que em África mas exportações de artesanato, compotas, por azar nosso não podem testemunhar porque com os desvairos de Angola e as guerras dos pretos dizem-nos da embaixada que faleceram com essas doenças lá deles, o paludismo, as amibas [...]⁸²

De modo cínico, os militares responsáveis pelo serviço secreto mentem, responsabilizando outros fatores, que não a ambição e a ganância, pela morte de seus funcionários. Ao apontar essas contradições, o romance desmistifica a imagem patética do “explorador e matador burocrata” e dessa maneira cai a máscara dos portugueses, conforme indica Eduardo Lourenço:

[...] vai no sentido de arrancar a máscara a Portugal enquanto tal; à realidade portuguesa no seu mais profundo, vendo o que, estando debaixo dos nossos olhos, não era visto em todo o caso, dessa maneira a ficção servindo efectivamente, sobretudo entre nós, ao mesmo tempo como um desvelar da verdadeira realidade, mas também uma ocultação profunda dessa mesma realidade. A ficção de Lobo Antunes vai servir como revelador daquilo que nós mesmos não queríamos ver, que nós mesmos não queremos ver, não apenas essa morte exterior, brutal, trágica que ele encontrou em África, mas outra realidade mais profunda, a nossa realidade de seres confrontados com qualquer coisa ainda mais profunda que a morte que é a do sofrimento, a da injustiça, que nós infligimos aos outros, a nossa própria miséria, os nossos terrores sepultos.⁸³

É a mentira como fuga para não se ter de se confrontar com o temor da perda, com os medos que se pensavam enterrados: “pena do seu medo porque tinha medo de Angola, medo de morrer, medo da guerra, medo da ruína da

⁸¹ *Ibid.*, p. 390.

⁸² LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 252.

⁸³ LOURENÇO, Eduardo. *Divagações em torno de Lobo Antunes*, *cit.*, p. 351.

casa”⁸⁴. É a mentira para esconder o medo maior, que é o da tomada de consciência da pequenez humana – da qual eram ao mesmo tempo agentes e vítimas.

Os Agentes são portugueses covardes e medrosos, mentem para esconder a clandestinidade de suas atividades, para não ter que prestar contas à sociedade portuguesa de seus atos ilícitos:

[...] sob palavra de honra não existiu a menor interferência nossa ou de qualquer organismo sob o nosso comando no que se passou em Angola senhor ministro, de acordo com as informações seguras um acto desequilibrado, uma coisa a nosso ver triste que os jornais intitulariam de paixão de cordel.⁸⁵

Num primeiro momento, justifica-se o pessimismo dos Agentes frente ao futuro português rastreando-se a ideologia fomentada pela ditadura salazarista.

Dando-se continuidade às explicações, traça-se agora a ideologia do racismo, por se entender ser ela, também, um dos sustentáculos do pensamento colonialista.

O racismo desenvolve-se de forma inerente ao jogo de poder e ocorre quando um grupo se sente ameaçado por outro, que possa vir a tomar o seu poder. Em sociedades competitivas, o outro é sempre uma ameaça a ser eliminada.

Diante da permanente ameaça que a África representava na política interna portuguesa, o discurso nacionalista do Estado Novo passou a ser permeado por matizes racistas, oferecendo de certo modo alguma legitimidade às atitudes preconceituosas em relação aos angolanos. Cita-se Albert Memmi para melhor elucidação desse aspecto:

Além disso, ao fabricar a ideologia do colonialismo, ao tentar estabelecer a tese da sua superioridade, que é puramente circunstancial e histórica, o colonizador desemboca inevitavelmente no racismo. [...] Para justificar, para legitimar o domínio e a espoliação, o colonizador precisa estabelecer que o colonizado é por “natureza”, ou por “essência”, incapaz, preguiçoso, indolente, ingrato, desleal, desonesto, em suma inferior. Incapaz, por exemplo, de educar-se, de assimilar a ciência e a tecnologias modernas, bem como de exercer a democracia, de governar-se a si mesmo.⁸⁶

⁸⁴ LOBO ANTUNES, António. *Op. cit.*, p. 53.

⁸⁵ LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 37.

⁸⁶ MEMMI, Albert. **O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 9.

Por ser de origem ideológica, o racismo pode ser coibido por lei ou decreto; o mesmo não acontece com o preconceito, sendo de natureza subjetiva, ele aparece em várias falas dos Agentes. Sob o olhar de repulsa desses Agentes, Angola não tem identidade; é apenas mato, não é uma cidade, visto não corresponder ao modelo ocidental. Incapazes de compreender o espaço africano, cujo sentido está inscrito na própria cultura, os Agentes, sob um olhar cáustico, desprezam-no:

[...] mas em África chamam cidade a três palhotas desfeitas, chamam cidade a tudo, basta haver uma picada, meia dúzia de cabras com um milhafre em cima, um indígena de pano à cintura a morrer de fome e pronto, cidade, uma cidade senhor, uma cidadezinha.⁸⁷

A desvalorização colonial dirige-se a todo o espaço que cerca o colonizado, não somente a sua expressão cultural, sua língua ou tradições, mas também o espaço físico. Assim, os musseques situados nas periferias das cidades africanas são vistos como lugares inferiores pelo olhar dos dominadores, cegos para o fato de que esses espaços são descontínuos, irregulares, híbridos, onde se resguarda a expressão mítica da angolanidade,⁸⁸ ao contrário das cidades europeias, que apresentam certa regularidade. Retomar-se-ão essas reflexões sobre o espaço físico angolano na leitura do romance de Pepetela, na confrontação entre a cidade Calpe e os Kimbos.

Alimentados pelo ideário imperialista e colonialista que se sustenta por uma forte inclinação de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação⁸⁹, os Agentes, reprodutivistas do discurso colonialista europeu, dirigem-se aos angolanos como se eles necessitassem dessa superioridade para alcançarem o estatuto de civilizados:

[...] por assim dizer gentinha

das camadas sociais inferiores do norte do país caracterizada por costumes algo primitivos e em certos casos rudes mau grado os esforços de um governo autoritário é certo e de que outra maneira poderia ser atendendo às características intrínsecas do povo?⁹⁰

⁸⁷ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, *cit.*, p. 61.

⁸⁸ ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Globalização e identidade*, *cit.*, p. 140.

⁸⁹ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*, *cit.*, p. 40.

⁹⁰ LOBO ANTUNES, António. *Op. cit.*, p. 557.

E nessa seqüência de posturas preconceituosas, o olhar machista desses agentes recai sobre a mulher africana, reduzindo-a a uma mercadoria, a um animal, a um ser servil:

[...] não uma mulher, uma mestiça, leva a mestiça por três notas amigo, use-a, gaste-a, faça dela criada, mostre-lhe quem manda mas não se case com ela, case-se com uma branca [...] uma mestiça, uma preta, um animal sem importância.⁹¹

A violência está constantemente presente no romance, na recorrente fala preconceituosa dos Agentes. A geografia, os habitantes, a cultura, enfim, tudo é denegrado pelos olhares deles. Nunca haviam reparado em Angola e, quando o fazem, é pela perspectiva depreciativa: “nunca reparei em Angola, reparei no Oceano Índico”⁹², fala que confirma a total falta de interesse que os portugueses tinham pela África. O interesse maior de comercialização de produtos era com o Oriente. A África não era um lugar para se estabelecer relações comerciais outras, mas apenas para se extrair o componente humano revertido em mercadoria. Nesse momento, o que interessava era o comércio de escravos. Essa visão demonstra desde cedo o olhar abjeto que os portugueses destinavam à África – um olhar que perpassa todo o império e que se mantém presente no momento pós-colonial, como se vê na postura dos agentes que protagonizam o romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*.

Nessa viagem pelo mundo da indiferença, do preconceito e do racismo, a narrativa promove na ficção uma espécie de contabilidade para descrever o saldo da colonização para os angolanos. O retrato traçado de Angola não é dos mais otimistas. Após a descolonização, Angola viu-se ocupada por portugueses criminosos, por cubanos, por mercenários franceses e belgas e por americanos, disputando todos, entre si, suas terras e riquezas. A população que restou traz em seus corpos as marcas dessas guerras, “Visto que todas as crianças usam muletas”⁹³. Ao trazer as imagens desse país, a narrativa destacando o desespero das pessoas, a falta de expectativa de uma geração futura, sinaliza para a insanidade da guerra, a miséria dos colonizados e a ação destruidora dos colonizadores:

⁹¹ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, cit., p. 447.

⁹² *Ibid.*, p. 310.

⁹³ *Ibid.*, p. 19.

na fazenda que não havia fazendas, acabaram-se as fazendas, havia miséria e fome e guerra e os portugueses substituídos por pretos agora, pretos das furnas dos musseques, ratos assustados, furtivos, subitamente imóveis diante dos faróis dos jipes.⁹⁴

Mostrando as barbaridades da guerra, a narrativa de certa maneira aproxima o leitor do universo colonialista, de jeito a desmontar o discurso ficcional de Salazar. Através das cenas de horror, de corpos mutilados, de sangue derramado, acelera-se esse processo de desmontagem. Ao mesmo tempo, criam-se as condições para que os portugueses percebam que sua história se entrelaça com a de Angola pelos massacres e crueldades impostas a esse povo.

Tendo como cenário a África pós-guerra da independência, a narrativa impulsiona para uma reflexão bastante pessimista sobre as novas relações entre Portugal e Angola.

Logo no início do romance, em seu prólogo, há palavras incompletas, frases inconclusas, dando a idéia de que os sintagmas ali estão à espera de um leitor que as conclua. Da mesma forma que a história entre Portugal e Angola encontra-se também inconclusa, ou seja, ela não termina com o fim da colonização, uma outra está aí, esperando alguém que a reescreva.

De certo modo o romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* contribui para a deflagração desse processo, visto que há nele, subentendido, o propósito de aproximar portugueses e angolanos para um diálogo. Mesmo que a narrativa não sinalize para um futuro muito esperançoso para eles, essa tentativa não se invalida. O clima de incerteza presente no romance faz lembrar que o momento não é de exatidão, nem de respostas seguras, mas sim de indefinições. Tanto Portugal quanto Angola passaram por situações políticas e econômicas bastante traumáticas. Encontram-se nesse momento tentando redefinir suas posições e buscando enfrentar as questões econômicas e culturais próprias de países que passaram pelo processo de descolonização, como coloca Ruy Duarte de Carvalho:

Tanto Angola, portanto, como Portugal talvez, se acharão, pois, em períodos críticos da sua história, ambos à procura do seu lugar no mundo, ambos, mas de

⁹⁴ *Ibid.*, p. 138.

maneira diferente, insisto [continuo a não querer ofender nem desafiar ninguém], dependentes e de mão estendida.⁹⁵

Na direção de aproximar o universo português ao universo angolano para que seja reescrita uma outra história insere-se o romance de Lobo Antunes. Ao explorar o imaginário mítico português, a narrativa permite a construção de uma nova consciência nacional para os dois países, como afirma Ruy Duarte de Carvalho:

Os problemas nacionais de Angola e de Portugal são de natureza e tempos políticos e econômicos, para não referir outros, muito diferentes. Mas podem ser tempos, foi isso que tentei sugerir, de simultaneidade e concerto no que se refere a resoluções que queiram dizer respeito à configuração das respectivas consciências ou inconsciências nacionais. Nesse caso daria para explorar, juntos, tanto o presente como o futuro como o passado comuns, quer dizer, desculpem-me a vulgaridade, para “empurrar” juntos no mesmo sentido. Tudo talvez, quanto a relações e a interações, viesse assim a ver-se facilitado. No campo da política, das razões de Estado, das razões econômicas e também nos domínios acadêmico, intelectual e criativo, até.⁹⁶

Nesse processo de reconstrução nacional, a ancestralidade angolana tem papel fundamental. Ela resiste na figura simbolizada dos velhos que não morrem, “de aldeias de velhos dado que a única coisa capaz de durar aqui são os velhos que morrem demasiadas vezes para morrerem de vez”⁹⁷. Renascem eles da força que há na terra, numa terra vermelha marcada pelo sangue “terra não amarela e sim vermelha”⁹⁸. Um sangue que destrói, ao mesmo tempo que alimenta, nutrindo a terra da força vital para sua sobrevivência. É dessa terra vermelha que brota a força da resistência angolana; assim conta o narrador do romance *Parábola do cágado velho*, de Pepetela: “De novo do mais profundo das Mundas o povo renascia”⁹⁹.

A guerra, com seu potencial destrutivo, gera um sentimento de impotência frente às probabilidades futuras. Entretanto, a permanência da aldeia de velhos é a esperança da reconstrução, pois nela se resguardam toda a cultura e os saberes

⁹⁵ CARVALHO, Ruy Duarte de. **Actas da maianga... dizer das guerras, em Angola...** Lisboa: Cotovia, 2003, p. 41.

⁹⁶ CARVALHO, Ruy Duarte de. **Actas da maianga...**, *cit.*, p. 44.

⁹⁷ LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 273.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 446.

⁹⁹ PEPETELA. **Parábola do cágado velho**, *cit.*, p. 14.

necessários para um renascer. Essa aldeia de velhos figurada no romance de Lobo Antunes será retomada no romance de Pepetela.

Conclui-se esse capítulo remetendo-se à epígrafe, não para fortalecer a alma nacionalista, ainda presente em Pessoa¹⁰⁰, e sim para desconstruí-la. Entende-se o cumprir-se Portugal como a metáfora de Lobo Antunes, que desloca a dor pública da guerra para o ambiente doméstico, conduzindo-a ao eu mais profundo do ser, para que ali, ao ser vivida em sua plenitude, seja ressignificada. E é de Marina que Seabra recebe a cebola “– Tome a cebola senhor Seabra [...] ofereço-lhe a esfera de lágrimas de uma cebola na palma.”¹⁰¹

¹⁰⁰ ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Globalização e identidade, *cit.*, p. 132.

¹⁰¹ LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**, *cit.*, p. 120.